Leitura das Cartas Inéditas de Eduardo de Almeida a Alfredo Pimenta

Dra Maria Teresa Pimenta

Eduardo de Almeida e Alfredo Pimenta, conterrâneos e coetâneos, destacam-se na cultura e na política do seu país e da sua cidade natal, embora com alcances diferentes. A atestá-lo uma vasta bibliografia que incluí, no caso de Eduardo de Almeida, ficção, estudos históricos e etnográficos, pedagógicos, sociológicos e inúmeros discursos – verdadeiras peças de oratória com que interveio em vários acontecimentos políticos e profissionais, nacionais e locais –, e ainda colaboração assídua em publicações como a *Revista de Guimarães* e vários jornais da cidade. No caso de Alfredo Pimenta, a sua bibliografia é mais vasta, já que, desde muito cedo, subordinou o seu ganha-pão à escrita e ao pensamento o que lhe permitiu legar-nos um imenso labor nos domínios da História, Política, Literatura, Crítica, Filosofia, Linguística, sob a forma de livros, opúsculos, colaboração em revistas nacionais e estrangeiras, artigos de jornal nacionais, tanto continentais como ultramarinos e uma valiosa biblioteca em que apoiava os seus estudos : «*As minhas fichas são os meus livros. É neles que escrevo as notas remissivas(...)*», dirá um dia em entrevista à *A Voz* de 14 de Outº de 1934.

Ambos presidiram a duas grandes instituições culturais de Guimarães: – à Sociedade Martins Sarmento de que Eduardo de Almeida foi secretário da direcção (1908-09) e presidente várias vezes (*1921-25;1929-31* e *1945-46*) onde recomeçou a publicação da *Revista de Guimarães* interrompida desde 1914 por falta de meios e ao Arquivo Histórico, tornado Municipal em 1931 e Arquivo Municipal Alfredo Pimenta em 1952, que Alfredo Pimenta organizou e dirigiu até 1950, ano da sua morte e onde criou o *Boletim de Trabalhos Históricos* que publicou até ao final da sua vida. O *Boletim* tinha como objectivo divulgar os fundos documentais do Arquivo e dar a conhecer não apenas as suas actividades como os trabalhos dos investigadores e historiadores locais e nacionais.

Eduardo de Almeida nasceu em 3 de Fevereiro de 1884 na cidade de Guimarães e Alfredo Pimenta, a 3 de Dezembro de 1882, um pouco fora da cidade, em Penouços, São Mamede de Aldão. Receberam a mesma formação de base e universitária: feita a instrução primária na cidade que os viu nascer não mais se perderiam de vista e a vida levou-os a construir uma amizade perdurável. Lendo páginas de Alfredo Pimenta em que, por alturas dos seus quarenta anos, dá conta da sua própria biografia encontramos as seguintes referências a Eduardo de Almeida[1]:*"Quando há trinta e cinco anos, eu moía a paciência àquele meu admirável professor de latim que se chamou Cónego José Maria Gomes e que vive perene, na minha Saudade e na minha gratidão; quando há trinta e cinco anos eu, todos os dias, subia o calvário que ia da minha casa para o Beringel onde ficava o Colégio de São Nicolau, a auferir como diria o desventurado Pad Zé, o elemento espiritual que emanava da Gramática latina do Madvig ou das páginas arrelientas do Tito Livio – consumia-se no mesmo labor, mas do outro lado da vila, uma criança da mesma idade e do mesmo tamanho, meu vizinho de rua, - e que, poucos anos volvidos, seria meu camarada, meu amigo como irmão; eu no*

[1] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, Organizações Bloco, Limitada, Lisboa, 1950, pg53,54 e Páginas Minhotas, (2ª Edição), Opera Omnia, Braga, 2007, pgs.75,76.

colégio de São Nicolau, com o Cónego José Maria Gomes a fazer de tirano; ele no Colégio de São Dâmaso, tendo como símbolo de tirania, o Padre Hermano." Depois da infância, perfeitos os dezasseis anos, Almeida segue para Coimbra para cursar Direito, em 1900, onde, com o mesmo objectivo já se encontrava Pimenta, desde os seus dezassete em 1899: *"Nas vésperas da partida para Coimbra, quando já sacudíamos a poeira dos bichos de Liceu, e ensáiavamos a arrogância bisonha de caloiros da Marrafa – ele e eu perpetravamos – eu, escarranchado no Pégaso matreiro que parecia impedir-me algum dia, vencer a Quimera; ele desbastando o ébano misterioso duma Prosa prometedora (...) fomos para Coimbra, como conhecidos que se tiram, com simpatia, o chapéu (-...) e à sombra maternal da velha Torre maternal, a nossa amizade nasceu, cresceu, criou tronco, ramos, folhas, flores, e é hoje ameno refúgio para os nossos corações feridos, e para os nossos espíritos desencantados.(…)"* Posteriormente desempenham funções similares: por diversas vezes na 1ª República foram deputados e após as suas formaturas, Eduardo de Almeida foi chefe do gabinete do ministro da Justiça no governo de Bernardino Machado, Dr. Manuel Monteiro e Alfredo Pimenta, chefe de gabinete do ministro do Fomento, Dr. Aurélio da Costa Ferreira, no governo provisório de Duarte de Leite (1910). Abriram ambos banca de advogado, chegando a projectar um escritório comum no Porto, mas cedo Alfredo Pimenta percebeu que não era esta a vida a que aspirava. Depois de uma breve estada em Matosinhos, deslocou-se definitivamente para Lisboa e aqui procurou outros modos de se sustentar e à família que constituiu muito cedo (casou-se com 21 anos e aos 27 já era pai dos três filhos que teve): exerceu temporariamente a função de professor do liceu no ensino oficial e privado, dedicou-se inteiramente ao jornalismo de opinião e ingressou nos quadros do Arquivo Nacional da Torre do Tombo para onde o levou o seu pendor para a investigação histórica depois da confessada desilusão com a Filosofia. O seu temperamento e a sua concepção de vida orientaram-no para uma intensa intervenção politica, primeiro como republicano e depois como monárquico. Neste campo assumiu, contra a corrente, cargos políticos de responsabilidade. Por seu lado, Eduardo de Almeida com uma breve passagem por Lisboa e Porto, viveu a maior parte da sua vida em Guimarães e depois de ter participado nas Constituintes de 1911, desempenhou na sua terra natal actividades que lhe deram grande nomeada: no mundo da cultura, a direcção e a presidência da Sociedade Martins Sarmento e a publicação de romances e trabalhos etnográficos; na esfera da administração pública, a Administração do Concelho e a direcção do Internato Municipal criado logo após a implantação da República para os alunos do ensino liceal no então recém fechado Seminário Eclesiástico; na esfera profissional, o brilhantismo da sua advocacia foi por todos reconhecido.

Comungaram nos mesmos ideais republicanos depois de uma breve passagem pelo anarquismo socialista mas separam-se ideologicamente sem que isso afectasse as suas relações pessoais. Alfredo Pimenta em 1915 desiludido com a evolução da 1ª Republica e com a reacção violenta dos republicanos à tentativa de Pimenta de Castro

para impor uma ditadura, aderiu, em confissão pública, à monarquia[2] que nunca mais abandonou até ao final da sua vida; Eduardo de Almeida manteve-se fiel aos ideais republicanos mas desinteressou-se da actividade política devido à instabilidade para que se arrastava a República, sobretudo depois do consulado sidonista, da revolta dos monárquicos em Monsanto (1919) e da noite sangrenta do 19 de Outubro de 1921.

Estas tomadas de rumos diferentes não os levaram a afastarem-se e foram-se acompanhando com maior ou menos frequência ao longo das suas vidas, cimentados pela amizade estruturada nos tempos de Coimbra e que a similitude de interesses e funções no domínio da cultura não deixava apagar.

No arquivo particular de Alfredo Pimenta, na parte relativa ao espólio epistolar[3] encontram-se 81 cartas que Eduardo de Almeida lhe endereçou desde os seus tempos de estudantes de Coimbra até praticamente ao final da vida do destinatário isto é de 1901-2 a 1950. Distribuem-se irregularmente pelos anos embora a sua frequência só a partir de 1933 diminua drasticamente.

Estas cartas têm o interesse da sua abrangência que é vasta e profunda: além de se estenderem ao longo de 50 anos e reflectirem os anseios dos três períodos fundamentais da vida pessoal – a juventude, a maturidade e o ocaso com os seus projectos, sonhos, desilusões, os seus temas levam-nos para as suas criações literárias acompanhadas dos entusiasmos e angústias que o processo de criação suscita, para assuntos que dizem respeito à gestão das duas importantes instituições culturais de Guimarães já citadas, e às burocracias, actividades e tomadas de posição frente a personalidades da terra, à resolução de problemas delicados como a criação do Arquivo Municipal que amputava a Sociedade da sua guarda e que era entregue precisamente a Alfredo Pimenta e outros ainda de natureza familiar e social.

Embora nesta colecção existam apenas as cartas de Eduardo de Almeida, o seu teor ilustra tanto o seu modo de ser, de pensar e de reagir perante as vicissitudes da vida como os anseios, as realizações e desilusões de Alfredo Pimenta. Nelas estão retratados o seu autor e o seu destinatário e a profunda simpatia e amizade de Eduardo de Almeida por Alfredo Pimenta e a deste por ele, por reflexo. Nos textos das missivas que aquele assina e que este, em textos vários corrobora, verifica-se o mútuo apreço e amizade. Tornam-se assim importantes para as suas biografias como contribuem para a apreciação da vida cultural de duas zonas como a Coimbra estudantil no arrancar do século XX e Guimarães na sua 1ª metade. Permitem-nos observar as articulações de

[2] Alfredo PIMENTA, *A Questão Politica (Commentarios por A.P.)*, França & Arménio-Editores, Porto, 1915 e *A Solução Monarchica (Commentarios por A.P.)*, ed. do autor, Porto, 1915

[3] Na posse do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, em Guimarães a partir de 2005 por doação da sua Família

ambas com horizontes mais vastos tanto nacionais como o que se colhia no estrangeiro. Aliás, verifica-se nesta correspondência a função de "actualizador"[4] que o "lisboeta"[5]Alfredo Pimenta com o seu acesso às novidades bibliográficas desempenhava junto de Eduardo de Almeida que dele se socorria quando necessitava.

Mas, principalmente, estas cartas têm aquele sabor assinalado por Pedro Salinas[6] ao analisar a inovação que a carta introduziu na esfera das relações humanas quando, no século XIX, o seu uso se intensifica graças aos progressos do sistema postal. Elas deixam transparecer a específica confidencialidade considerada por este autor característica original na arte do "*cartear-se*" que, na sua opinião sempre expressa com aquela graça que a sua escrita tem, não é o mesmo que conversar. A prova da diferença estará, aliás, no neologismo *cartear-se* que se distingue de conversar. Na carta, quem a escreve, não tem o destinatário na sua frente – o que tem é a versão da pessoa a quem se dirige e que tem a feição de recordação, imagem, alma. A carta, não é como o Diário, um solilóquio: ela exige o círculo social mínimo – duas pessoas – esgotando desse modo a sua função: mensagem de quem a escreve para quem a lê, directa, sem olhos estranhos, sem nada entrecruzado. A sua privacidade não implica solidão, mas partilha. Salinas, evoca Gustavo Llansón, analista do acto epistolar e conta-nos como ele descreve o autor da carta quando se prepara para a iniciar. Na sua opinião, o emissor procura captar uns instantes da sua própria vida, num meneio da alma, Narciso involuntário, debruçado sobre a folha de papel, contempla-se a si próprio, caindo desse modo no equívoco do destinatário que em primeiro lugar é afinal ele próprio. Explorando esta ideia, imagina quantas vezes se verteram pensamentos no papel como lágrimas pelas faces, por puro desabafo da alma, destinadas sobretudo ao consolo do próprio autor. Encontra nesta formulação a forma "privada, privadíssima da carta".

Na sua análise, Pedro Salinas salvaguarda a probabilidade dos autores das cartas, embora dirigindo-se a uma pessoa determinada, incluírem o propósito de as destinarem ao público, talvez não conscientemente, mas levados pelas leis misteriosas da beleza da linguagem seguindo o prurido de bem escrever. Podem deste modo resvalar da carta privada para a carta com intuitos de publicidade o que não deixa de ter consequências como a transformação do destinatário em personagem literário, em figura de ficção, desenquadrado que foi da sua qualidade de carne e osso, situado num espaço e num tempo.

[4] Eduardo de ALMEIDA, cartas a A.P.

[5] Alfredo Pimenta fixa residência em Lisboa a partir de 1910

[6] Pedro SALINAS, *El Defensor*, Alianza Editorial, Madrid, 1967

Não é este o caso da epistolografia de Eduardo de Almeida dirigindo-se a Alfredo Pimenta. Ela inclui-se na categoria da carta privada, privadíssima. Corresponde à necessidade de se colocar a si e ao destinatário frente aos trâmites da sua vida prática e intelectual e das decisões acerca do sentido a dar à sua vida. E por isso estas cartas encontradas no espólio epistolar de Alfredo Pimenta além de, pelo seu teor, desenharem também o percurso biográfico de Alfredo Pimenta, serem elemento valioso para entendermos as circunstâncias destas duas personalidades inquietas que não se furtaram ao esforço de procurar na cultura a orientação para a resolução dos seus problemas pessoais no intercâmbio com as suas circunstâncias.

As peças encontradas neste espólio são em número de 81 das quais 22 não têm data ou apenas incompleta e é por aproximação que as situamos no tempo, por relação a temas ou factos que evocam ou com base nos carimbos dos Correios. Três, com a indicação de terem sido escritas em Coimbra em 2 e 11 de Março e 19 de Maio, serão provavelmente de entre 1901(?) e 1903 ;duas já datadas de Guimarães, (18 e 2 de Julho) serão possivelmente do ano lectivo de 1904-05, quatro serão de 1905-06, (respectivamente, 10 de Julho, 19 de Agosto redigidas da Póvoa do Varzim e duas outras, de Guimarães em 25 de Setembro e 30 de Dezembro); do ano lectivo de 1906-07 encontramos duas; de 1908, serão as três que indicam as datas, respectivamente, de 23 de Abril, 9 de Junho e 7 de Dezembro, também de Guimarães, sem ano.

Há mais 8 que não apresentam data mas que serão, 1 em 1924, 1 em 1925 pelo carimbo do envelope; e 5, certamente escritas em 1927 e 1930 pelos factos que revelam ou deixam advinhar.

As restantes têm a data completa: uma em 1904, uma em 1905, uma em 1909, cinco em 1922, seis em 1923, nove em 1924, dez em 1925,cinco em 1927, três em 1929, seis em 1930, uma em 1931, seis em 1932 e nos anos de 1933,1934,1935,1944 e 1950, uma, respectivamente.

Na sequência desta colecção que termina em 1950, verifica-se um intervalo de 1909 a 1922. As cartas que não têm data e que, por aproximação tentámos situar, não parecem ser deste período. A que retoma a continuidade da correspondência que temos é de 20 de Fevereiro de 1922 cujo conteúdo nos impede de concluir pela interrupção da correspondência e tão só pensar na possibilidade da sua perda: Alfredo Pimenta em 1910 muda a sua residência para o Dafundo e depois para a Rua de Pedro Nunes, mais no centro de Lisboa. Será esta a hipótese mais provável para explicar tão grande hiato na sequência da correspondência que está em nosso poder.

Circundando alguns questões nelas versadas, existem no espólio da correspondência para Alfredo Pimenta, cartas de outros vimaranenses ilustres como Alberto Vieira Braga[7] e A.L de Carvalho[8] que desempenhando funções na Sociedade Martins Sarmento e na Câmara Municipal, fornecem dados esclarecedores sobre esses temas.

Nas cartas de Eduardo de Almeida perpassam os tempos de estudantes de Coimbra (1901-1904), com as clássicas aflições dos pedidos de dinheiro, os anseios das realizações afectivas, os projectos de revistas literárias para refundar o mundo de acordo com os credos aprendidos nos pensadores da sua época. Com Gonsalo Meira[9], Rodrigo Pimenta[10] e Abel Cardoso[11] e o próprio Alfredo Pimenta, Eduardo de Almeida planeia fundar uma revista convicto "*que um jornal, se tiver a guia-lo um firme propósito e se robustecer em regras exactas de lealdade e justiça, é um dos mais directos e genericos meios de elevar pelo ensino a miseria humana, buscando o triumpho seguro, na evolução politica dos nossos ideais (…)*" (carta de 30 de Dezembro sem indicação de ano).

O embate dos ideiais e certezas com a realidade que marca a entrada na vida prática (1905 1909), mantendo todavia a esperança e a energia de contribuir para o bem comum são trama desta correspondência em sequencia cronológica.

"Tu não conheces, tu não sabes, por mera intuição e sem engano "todas as bellas asperesas, todos os grandes preconceitos, todas as feras e todas as pombas" da vida pratica. Fazes simplesmente romance triste e o que te anceia como demasiada angustia e como a agonia culminante não é senão um segundo bem ephemero, desespero quasi esquecido, gota das lágrimas que se choram. Os clamores torturados do cerebro amesquinham-se quando os confrontamos com as dores reais, sam phantasmas poéticos da miséria positiva. As ideas esmagam-se no distender infernal dos sentidos. Eu que tanto

[7] Alberto Vieira BRAGA, n.1892, m.1965, natural de Guimarães, escritor, etnólogo, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, do Instituto Português de Arqueologia e História, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, várias vezes Director da S.M.S. e da *Revista de Guimarães*, autor de uma vasta e conscienciosa obra de investigação

[8] António Lopes de CARVALHO, n. 1881,m-1961.natural de Guimarães, Director da S.M.S.. do semanário republicano *Alvorada*, membro da Junta Geral do Distrito, presidente da Comissão Administrativa de Guimarães e da Cantina Escolar Vimaranense, estudioso dos Mesteres de Guimarães de que publicou 8 vols. entre 1939 e 1952, assim como de histórias e curiosidades desta cidade.

[9] Gonsalo Monteiro da Meira, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, filho do Dr. Joaquim de Meira e de D. Adelaide Sofia Monteiro de Meira, cunhada do tio e tutor de Alfredo Pimenta, Silvestre Pimenta; o Dr. Joaquim de Meira pertenceu ao Conselho de Família de Alfredo Pimenta durante a sua menoridade.

[10] Rodrigo Pimenta, 1885-1959, bibliófilo, arquivista, bibliotecária da Sociedade Martins Sarmento e do denominado Arquivo Municipal de Guimarães até 1951, onde também exerceu as funções de Director não nomeado depois da morte de Alfredo Pimenta, seu irmão, autor de estudos bibliográficos, erudito.

[11] Abel Cardozo, 1877,m.? pintor vimaranense, com formação na Academia das Belas Artes de Paris, autor de frescos na fachada principal do edifício da Sociedade Martins Sarmento, professor na Escola Industrial e Comercial Francisco da Holanda (Guimarães) e na Escola Afonso Domingos (Lisboa), irmão do coronel Mário Cardozo.

phantasiara sobre a dêbacle humana e me arregimentara na revolta decidido a lutar, desci a esta noite e apavorei-me. Os meus olhos e os meus ouvidos, o meu coração e o meu cérebro, alongaram-se, prescutaram, bateram como se um mundo novo surgisse do fundo dum cálice de absynto a gemer num vento de tempestades. A minha cegueira viu, a minha surdez ouviu e o meu sangue gelou-se. Os evangelistas em que eu me fora educar, abandonaram-me. Procurei-os de novo. Folhei-os avidamente e na anatomia das letras eu encontrava somente cadáveres de prophecias, sonhos honestos de ócio, palavras redundantes. – Que queres tu que eu faça, Kropotkine? A vida é má. O capitalista rouba o operário. És advogado? Pois sabe que os códigos beneficiam o burguez. Se tens alma segue-me." (…) "O embaraço maior do nosso credo está em realisa-lo. A mais pequena idea accionando constitue, à face dos códigos e na consciencia dos burgueses, a propaganda pelos factos. Escuta-me bem, Alfredo. Eu entrei na vida, nesta outra vida, com a mesma força, a mesma convicção e o mesmo empenho. Os desastres morais não me intimidam – estimulam-me. Se tu me conheces a valer, não sonhes sequer que seja possível transformar-me ou que um jornal te surprehenda com a noticia da minha candidatura a deputado. Não é questão de brio ou de honestidade; é a lógica de um temperamento. A minha psychologia não se altera. Pode por inadaptação, enfermar mas nunca descair. É por isso que antigamente os heroes morriam nas fogueiras. Vagarosamente, porque não se caminha depressa na cidade, ir-te-hei noticiando a obra. Principiei-a, como pareceu razoavel, por mim próprio. E, quando foi permittido pelo statu quo, libertei-me do cativeiro económico. Duma conversa com o meu Pai resultou que eu,do dia 1 de Outubro, ganho, não recebo, a titulo de filho familia rendas para extravagancias. (…)".[12]

O tormentoso dilema de pactuar com o sistema ou romper com ele não se esgota para os dois correspondentes nesta fase da entrada na vida prática. Mantem-se ao longo das suas vidas como o atestam as suas biografias e será lapidarmente formalizado por Alfredo Pimenta décadas depois deste período da correspondência numa breve e cintilante frase em que ele confessa: "*tinha diante de mim uma vida ingrata, áspera, dura a formular constantemente o dilema trágico: ser vencido ou ser vendido. Diferença de uma letra – mas diferença infinita. Escolhi o ser vencido e a Vida venceu-me*".[13]

A *accolade* académica ia-se transformando em companhia profunda. Em carta de 11 de Janeiro sem indicação de ano, mas do período de entre 1905 e 1907 há uma carta lindíssima em que Eduardo de Almeida "corre" em auxílio do Amigo entregue a angustiosa crise como se depreende do texto:

«(...) teu irmão veio a correr e muito aflicto ler a carta em que, como derradeira talvez, lhe exigias que nada revelasse ao Eduardo e ao Gonsalo. Cumpriu elle o seu dever e não cumpriste, meu infeliz, o teu com tal prohibição. Eu desculpo-te e vou responder-te, não com a farta rethorica que me seria facil adquirir para acompanhar as tuas lágrimas e a arte superior da

[12] Eduardo de ALMEIDA, carta de a A.P., 25 de Setembro, s/ano, (1905?)

[13] Alfredo PIMENTA, *A Propósito de António Sardinha*, ed. de Autor, Lisboa,1944,pg.11

tua carta, mas servindo-me d'aquella serenidade ajuisada de que me pareces necessitar. E lamento, quero confessar-to, que me coagisses ao dever de te chamar...pusilanime. Isso que intentavas fazer era uma cobardia indigna do teu caracter. «Estou certo que escreveste aquelle testamento num momento de desespero e excitação cerebral. Viste a miseria em lugar de experimentares a força dos teus musculos, viste a pacata inercia do tumulo, como um burgues pullido, quando puderias inquirir do valor da tua intelligencia e da utilidade dos trabalhos que produzes. Achas commodo, e quem o negará? um ridiculo tiro de pistola, tu homem positivo, leitor de Comte, idealista avançado, tu que guerreaste com denodo, tu que aconselhaste o sacrificio humano para a redempção humana! Que te importa a mulher e a filha na vaga embriaguez do repouso, que é o teu sonho doirado nesta hora febril? Tu vais, tranquillamente retratado nos periódicos, com necrologia de Theophilo e romaria de operários, dormir o bom somno dos invalidos. Abandonas a luta – abandonando (?) – àquella a quem juraste amor e tomaste nos teus braços e ao fruto desses beijos. E vais, com um acto de estupida vaidade e criminosa fraqueza, desmentir a honestidade da tua vida e das tuas obras. Porque se o fizeres, has de ouvi-lo do amigo que salvaste numa hora egual, eras um desonesto e um criminoso, para quem se iria buscar à pathologia a desculpa e a irresponsabilidade. «Tu viverás Alfredo, e eu não creio no que li mais do que o tempo bastante a furtar-me à impressão da tua prosa e dos teus desvarios. Trabalha porque esperança. Teu amigo, Eduardo d'Almeida.»[14]

Alfredo Pimenta entrou mais tarde que Eduardo de Almeida na chamada vida prática porque se enredou na dispersão que o ambiente coimbrão proporcionava como palco de experiências sensitivas e intelectuais a todos aqueles jovens que ali chegavam para alcançarem um grau académico. O escritor Augusto de Castro, contemporâneo de ambos e seu companheiro de estudos, enquadra Alfredo Pimenta na tertúlia de Coimbra, anos depois da sua morte, em artigo comovido do *Diário de Notícias* de que foi director: *«Conheci-o em Coimbra – de capa e batina, mas já com um grosso volume de livros debaixo do braço, monóculo em riste, sempre a discutir. Tinha já a mesma alma de criança que nunca perdeu – de criança de mau génio, travessa e entusiasta. Era um exaltado liberal, como mais tarde foi um exaltado conservador, porque, tudo o que ele foi, foi-o com excesso de exaltação. Usava as convicções como a cabeça - ao vento. Era um discípulo de Malarmé, passeava Baudelaire pela Couraça dos Apóstolos e, de noite, no Largo da Feira ou no Choupal, esmagava Coimbra e os Lentes com estrofes de Verlaine e apóstrofes de Karl Marx (...) Coimbra era nesse tempo, em Portugal, não uma cidade, mas um estilo de vida. Aqueles que por lá passavam e tomavam ordens no Quebra-Costas e no Penedo da Saudade traziam sempre nos olhos e no espírito a Porta Férrea e o Choupal. Criava-se lá uma escola de amigos que nunca mais se perdia. Elegiam-se hábitos, ideias e lirismos, que, depois nos acompanhavam naquilo que então se chamava "a vida prática", porque a "vida teórica" era em Coimbra (...)». «No nosso tempo - dele e meu - o estudante coimbrão tinha dois vícios: a discussão e a guitarra. Ambos eles se exerciam até altas horas da madrugada - com trinados de luar e de garganta. Discutia-se e cantava-se aos berros. Pior para quem dormia! Enquanto nós debatíamos o Leroy-Beaulieu, a filosofia de Kant ou Oscar Wilde, D. Afonso Henriques ou a sebenta do dr. Calisto; enquanto dedilhávamos os arroubos do Parnaso ou suspirávamos rimas às tricanas, ninguém tinha o direito de ressonar. Acordar o burguês – que lá chamávamos desdenhosamente «futrica» –, alarmar os ecos da noite e as insónias do indígena eram os sagrados direitos da Polémica e da Poesia.(...)»*[15].

[14] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 11 de Janeiro s/ano (1906-1907?)

Enquanto Alfredo Pimenta continuava em Coimbra e o seu curso se estiraçava lento devido às inúmeras actividades a que o seu espírito inquiridor o levava, Eduardo de Almeida cumpria devidamente os seus estudos terminando a formatura no tempo próprio. É aliás Alfredo Pimenta que nos conta retrospectivamente essa diferença de ritmos nas suas crónicas de *A Voz* a que deu o título de "*Páginas Minhotas*" e que seriam reunidas e publicadas postumamente em livro com o mesmo título: "*quando no fim desse ano, ou nas férias do Natal do ano seguinte, regressamos a Guimarães, ele a descansar dum trabalho proveitoso, eu ,a sofrer as consequências duma triste mocidade de órfão sozinho (…)".*[16]

Por isso em carta com a data de 18 de Julho (s/ ano) Eduardo de Almeida pode escrever ao Amigo: "*Ando a praticar no escritório do Dr. Marques. É um intelligente e um honesto, sabes? Receio o futuro e quero ganhar o meu pão (…)*" Mas o peso da vida socialmente adulta faz-se sentir: "*A cidade mata-me. Estes ares, esta vida, o eterno fervilhar de tanta podridão domina-me e esgota-me. Sou um foragido, sou como que um criminoso que deseja ardentemente a Verdade (…)*".

Alfredo Pimenta, ainda em Coimbra, já no término do seu curso pensa em ir para Moçambique, no que é dissuadido pelos conselhos amigos de Teófilo Braga.[17] Mas em 1908 conclui os seus estudos depois da retumbante greve académica de 1907 em que ele participa integralmente. Constituíra família, publicara dois livros de versos que viria a repudiar,[18] tenta a advocacia para a qual descobrirá não ter vocação, funda um jornal, colabora em vários, instala-se em Matosinhos, dá à estampa ensaios de doutrinação política.

Nos anos de 1908 e 1909, três cartas que, com datas mais precisas, reflectem os passos mais seguros de quem realiza o seu caminho já sem os titubeios das escolhas juvenis. Em 1908, Alfredo Pimenta concluída a sua formatura, procura abrir banca de advogado no Porto, com Eduardo de Almeida ,[19] mas desiste. Funda o jornal

[15] Augusto de CASTRO, "O Monóculo de Alfredo Pimenta", *Diário de Noticias*, 5 de Janeiro de 1958

[16] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. cit[a], pgs.54 e 76, respectivamente 1[a] e 2[a] ed.

[17] Alfredo PIMENTA, Memórias Inéditas da Casa da Madre de Deus, Guimarães

[18] Alfredo PIMENTA, *EU*, Typographia Democrática, Coimbra, 1904, e *Para a Minha Filha*, Typographia Democrática, Coimbra, 1905

[19] Mário CARDOZO, Eduardo de Almeida (1884-1958), *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, pg.8-35, ed. Sociedade Martins Sarmento, 1958

O Debate[20] e já em Matosinhos onde se instalara e se mantém até 1911, nasce-lhe uma filha[21] que se junta aos dois[22] que já tinha. Em 1908, publica *Factos Sociais*,[23] depois de ter publicado *A Mentira Monárquica*[24] e o *Fim da Monarquia*.[25] Ao primeiro destes livros, editado pelo Centro Republicano de Coimbra, este partido apõe a seguinte nota: "*Ao publicar este trabalho do Sr.A. P., o Centro não está a alimentar vaidades pessoais, apenas a manifestar a vontade de contribuir com todas as suas forças para a reorganização nacional baseada em princípios científicos e progressivos*". Evoluíra do socialismo libertário para o republicanismo conservador.

Todos estes passos são acompanhados por Eduardo de Almeida que, instalado em Guimarães entregue à sua vida profissional e tendo publicado o romance *Na Lama*[26] se vê escolhido para membro da Direcção da Sociedade Martins Sarmento para o triénio 1908-1910. Em 23 de Abril de 1908, este novel director redige uma sugestiva carta que permite depreender que entre os dois amigos teria havido um período sem noticias, coisa que acontece quando o afazer imediato da Vida absorve tão completamente que não deixa tempo para a troca habitual das experiências, às vezes com as pessoas que estão nas mesmas terras, quanto mais com aquelas que estão em terras diferentes. Assim, esta carta que começa pomposamente «*Alfredo Pimenta*» e que demonstra o estilo vivíssimo de Almeida: «*Suponho que és vivo ainda. Concordo em que seja uma hypotese muito arriscada, mais talvez do que o povoamento ou não povoamento lunar, a que me agarro todavia pelo infinito prazer que me causaria este único facto excessivamente simples - de que tu, meu caro Alfredo Pimenta, resides ainda no bairro de S. José, nº 35, da cidade de Coimbra, e ahi resides em corpo e alma tal como te conheci ha 3, 4, 5, 6 e 7 anos.*

«Prosseguindo nesta phantasia, a da tua vida, permite-me que a abrace efusivamente...espiritualmente por causa de tantas léguas que separam os meus braços do tronco de que és proprietário e os meus labios da face cujo dominio directo possues mas cujo alienaste. De mim apenas te quero offerecer uma novidade enorme – é que vivo - também? ainda aqui neste esriptorio da rua Gil Vicente e em minha casa na rua do dr. José Sampaio.

«Agora caes tu (lembra-te da hypotese) pesadamente em meus braços, felicitando-me - pois que? - por esta inefavel delicia: sermos ambinhos, tu e eu, eu e tu, vivissimos & Cª. Ora que ? !Então que tens feito? Boa ?, hein? Este Alfredo Pimenta, quem o havia de dizer, sim - quem havia de dizer ha 3,4,5,6 e 7 anos, que na segunda feira da paschoela de 1908, pelas duas da

[20] *O Debate*, Semanário fundado em Matosinhos, por Alfredo Pimenta com Hernâni G. de Mello, dirigido pelo primeiro.

[21] Maria Gracinda Pimenta, (n.1911-m.1991), natural de Matosinhos, morreu em Lisboa

[22] Maria Adozinda de Carvalho Pimenta, pelo seu casamento, de Sousa Monteiro (n.1905 – m.1988) e Alfredo Manoel de Carvalho Pimenta (n.1907-m.1989) ambos naturais de Coimbra e falecidos em Lisboa

[23] Alfredo PIMENTA, *Factos Sociais – Problemas de Hoje – Ensaios de Philosophia Critica*, Livraria Chardron, Coimbra, 1908,

[24] Alfredo PIMENTA, *A Mentira Monarchica – Analyse do Momento Actual da Politica Portuguesa*, Typographia Democrática, Coimbra, 1906

[25] Alfredo PIMENTA, *O Fim da Monarchia*, Typogfaphia Democrática, Coimbra, 1906

[26] Eduardo de ALMEIDA, *Na Lama*, Coimbra, 1905

tarde, ceu brusco e vento pouco fagueiro, o havia de encontrar ainda vivo e féro, as suas lunetas, a sua gravata, o demónio das suas botas, elle no bairro de S. José,nº 35 e eu na rua de Gil Vicente! E inteirinho...os braços, as pernas, o cerebro etc., e etc. ,pois não é verdade?...Co' os diabos - abracemo-nos outra vez; com mil raios jupeterianos - venha o osculum pacis.
Mas falla pr'ahi ,hombre ,desembucha .Dois filhos - que me dizes? Um (deixa-me contar pelos dedos) e um = dois. Ora este Alfredo, o Alfredo Pimenta! Pimenta & Filhos! Eu sei, lá isso vi-o nos jornais - que estavas o sucessor do Teophilo, que eras o rapaz mais sabedor de toda a Coimbra, que ias deitar cá fora uns "Factos Sociais", que fazias o quinto anno em direito, que eras uma e a maior das esperanças da mentalidade portuguesa. Enfim, tantas coisas que eu perguntava a mim o que o outro a si mesmo perguntava da razão- Este Alfredo Pimenta (& Filhos, Sucessor) será o meu Alfredo Pimenta? E eras tu, caramba!, tu mesmo, tu proprio, sem outro Eu além do EU que publicaste em verso, in illo tempore... Perdoa a lágrima enternecida que brilha em meus olhos, mas de comoção. Isto de a gente se voltar a encontrar depois de 3,4,5,6 e 7 annos não acontece todos os dias...Pois não é verdade que vamos caminhando pelo mundo separados: porque tu vais elevando-te até os que admiras e eu, que te admiro, para me aproximar de ti seria obrigado a uma larga viagem no comboio e a subir as ingremes ladeiras que vem até ao bairro de São José nº 35 e não obstante semelhante aproximação era exclusivamente physica!

«Adeus o tempo foge. Dás-me um abraço e outro, e escuta, mas attende que a voz extingue-se no veu da saudade pela magua em voltarmos a desencontrar-nos e a morrer um para o outro – escuta – ahi pello verão, quando acabares a formatura vem com a petisada (a Cº) a descansar uns dias à minha casa na rua dr. José Sampaio (...)».

No ano seguinte, congratula-se com o facto de Alfredo Pimenta ter fundado o jornal: *O Debate*. Em carta de 20 de Janeiro de 1909, em papel timbrado com o seu nome e a sua profissão, escreve: *«Meu caro Alfredo, tanta coisa para te dizer...*

«Estou admirado. Tens um jornal! Parabens. Isto vai magnificamente. Só esqueceste-te de que sou pobre, mais pobre do que tu, e estava ahi bom ensejo de ganhar um pouco a minha vida. Não desanimo porque confio em ti. Vê lá se tu arranjas qualquer trabalho remunerado no jornal. Umas chrónicas literarias e scientificas a 2.000 reis cada - tão pouco! -, ou umas cartas de inteira responsabilidade propria em que diariamente for analysando os factos da vida portuguesa ou estrangeira, baratinhas, mesmo a quinhentos reis cada uma. O pão de vida, enfim, que diabo! Eu vou para ahi com 500.000 de divida e nem 10 reis até agora seguros.

«Lembra-te d'isto - que sou teu irmão. És só director politico? Que importa - falla, mexe-te, paciencia e coragem. Se não conseguires, tanto peor e vamos adeante. Mando-te o folhetim. O jornal é diário? O romance está incompleto mas eu acabo...Responde já. O folhetim é gratis? As outras coisas ficam para amanhã. Teu do coração (...)». E em 7 de Dezembro, de ano não identificado, mas que tem de concluir-se por 1908 ou 1909, Eduardo de Almeida em carta já citada, manifesta a sua alegria pela possibilidade de Alfredo Pimenta se juntar a ele no seu escritório de advogado e oferece-se para o defender numa querela que ele tem com a senhoria: «*(...) Olha lá - eu quero ser o teu advogado,*

como desejo que tu sejas o da Voz Publica.[27] *São as nossas estreias (eu a defender-te! Calcula o que direi...Declara já, já na Voz Publica que eu me offereci, claro que gratuitamente, de todo o coração para te defender a ti e não consinto que alguem mais te defenda. Eu sou o teu amigo, eu sou o teu companheiro - quem, senão eu, pode ser o teu advogado?(...)»* E entusiasmado, comenta a ideia dos dois partilharem o mesmo escritório: «*(...) Eu que te disse - não é só uma sociedade de advogados, é a fraternidade intellectual, moral e affectiva(...)».*

Alfredo Pimenta ia evoluindo no seu pensamento acerca das coisas e do mundo. Do anarquismo socialista amadurecia no positivismo. Ele próprio, numa retrospectiva interessante e emocionada, que intitula *Evolução dum Pensamento*[28] perante uma plateia juvenil na Universidade de Coimbra, em 1935, conta que, chegado a Coimbra com os seus verdes dezasseis anos, fora 'colhido' pelo anarquismo aristocrata ou aristocratismo anarquista (sic), caldeado pelas leituras de um ›› *Carl Schmidt, de um Bakounine, um Jean Grave, um Kropotkine, um Malato e Tutti quanti*››, da qual se fora libertando, por contacto com a filosofia de Comte: *«um dia, nas suas leituras, foi-lhe chamada a atenção para certos principios ou dogmas de A. Comte. (...)* Estudou esta filosofia cuja influência foi fundamental. E o resultado foi o encontro com o republicanismo como solução politica e sociológica para o seu país. É então que surge a publicação do livro que merece o comentário de Eduardo de Almeida em carta de 9 de Junho de 1908(?): *Factos Sociais (– Problemas de Hoje) – Ensaios de Philosophia Critica*[29] –, dedicado a Carolina Michaelis. de Vasconcelos, com prefácio de 15 de Novembro de 1906. O prefácio é uma declaração de intenções. O Autor situa-se dentro daquilo a que se poderá chamar a dinâmica das gerações teorizada por Ortega y Gasset[30] quando analisa a "mudança dos tempos" pela dinâmica das gerações na sua sucessão "cumulativa ou oposta" conforme o carácter conservador ou revolucionário que entre si apresentem. Vê nesta inter-relacionação o "gonzo da História". Com efeito no seu prefácio, Alfredo Pimenta do alto dos seus 24 anos, afirma a sua libertação das peias metafísicas e teológicas de uma educação atrasada e de uma instrução indisciplinada e a assunção à serenidade mental e moral que só um critério científico pode dar (sic): «*A disciplina de intelligência levando-nos ao conhecimento concreto dos phenómenos e das leis, e a orientação moral à consciência do nosso lugar na epocha actual, produzem o amor à verdade e a vontade de ser útil (...)»*, e mais adiante: *«não temos a pretensão de crear systemas ou impôr originalidades. Nem o critério que procuramos seguir, no-lo concede. Demais é bem verdade a máxima de Vauvernagues: "é mais fácil dizer coisas novas que conciliar as que já foram ditas"».* Então qual será afinal o seu propósito e a filosofia com a qual vê o mundo e se situa nele? Esclarecendo, escreve: «*A nossa intenção? O nosso fim? Elle explica-se por estas palavras de Littré:*

[27] *Voz Publica*, jornal dirigido por Sampaio Bruno; os artigos de Alfredo Pimenta escritos neste jornal foram reunidos no seu livro *Estudos Sociológicos* ,Centro de Publicidade Editor, Lisboa, 1913, com prefácio de Teófilo Braga

[28] Alfredo PIMENTA, *A Evolução dum Pensamento (auto-biografia filosófica)*, Biblioteca da Universidade, Coimbra,, 1935

[29] Ver nota 20

[30] Ortega y GASSET, *En Torno A Galileo,* Revista de Occidente, S.A. Madrid, 1959

«todo aquelle que, pouco que seja, augmente a somma de positividade nos espíritos, trabalha no sentido geral da civilização e presta um serviço social». Imediatamente Eduardo de Almeida comenta com alvoroço: «*Felicito-te com todo o meu coração pelo novo trabalho – em que se vê prometes destinar as tuas forças a qualquer coisa de bom e útil a favor da sociedade humana. Há n'isto o reconhecimento do que puderes fazer em meu bem, no dos meus filhos e no dos outros que compõem os meios em que eu e elles somos e viremos a ser chamados a viver.(...)»* E depois de uma apreciação critica, termina: «*O teu livro illucida e ensina...É produto de longos estudos em que se adquiriram muitos conhecimentos; de uma vontade forte e de uma honestidade segura. Trabalhando sempre, hei-de ver o teu nome ligado a uma verdadeira obra. Esta é de crítica. A outra será de reconstrução. O que não significa que n'ella se não desenhe já o esboço perfeito da outra. Ahi o seu mérito(...)»*[31].Aborda assim o traço fundamental que caracteriza o trabalho intelectual de Alfredo Pimenta: a crítica e a construção.

Ambos não descuraram a actividade literária que se foi desenvolvendo a par das vicissitudes das suas profissões. O destinatário das cartas, no entanto, fará da actividade literária praticamente, a sua actividade profissional. Viverá da escrita. Depois da breve tentativa de abrir banca de advogado no Porto (1908) e de uma passagem pelo magistério no ensino liceal (no Passos Manuel, em Lisboa, 1911 a 1913), dedicar-se-á exclusivamente ao estudo e à publicação das conclusões e das interrogações a que chega acerca dos acontecimentos políticos, correntes literárias, problemas de crítica filosófica, estética e histórica de que resultou uma vasta bibliografia, esparsa em livros, jornais nacionais e estrangeiros. E quando por via da necessidade de uma estabilidade económica entra para os quadros do Arquivo Nacional da Torre do Tombo [32]onde ocupará as funções de 2° e 1° conservador e por fim, o de director, o que o prende é o trabalho de investigador tal como quando assume a direcção do Arquivo Municipal de Guimarães.[33]

Outro foi o percurso de Eduardo de Almeida. Não fará do trabalho literário a exclusividade da sua vida, embora lhe tenha dado uma larga parte como ocupação complementar do seu ganha-pão, como atestam esta correspondência e a sua bibliografia. Preencheu a vida com o exercício de alguns cargos públicos: deputado às Constituintes em 1911, advogado em que interveio em causas de grande brado, como um célebre caso que tratava de absolver um réu do crime de abuso de liberdade de imprensa, ou defender uma mulher acusada de filiocidio e com a gerência Banco Nacional Ultramarino. No entanto a actividade literária continuava a ser uma preocupação de que não

[31] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 9 de Junho, s/ano, (1908?), ano da publicação do livro de A.P.

[32] 1931,2° Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo,(D° do Governo,n°204,II série, de 4 de Setembro de 1931); 1947, 1° Conservador (D° do Governo,II série, n°304, de 31 de Dezembro de 1947);1949, Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, (Diário do Governo, II série, n°17, 21 de Janeiro de 1949

[33] Director do Arquivo Municipal de Guimarães, por conveniência de serviço, Decreto publicado no D° do Governo, n°299, II série de 28 de Dezembro de 1931

desistia e realmente, da sua bibliografia que não é grande, constam alguns romances e novelas, uma peça de teatro, incursões no domínio da etnografia tão em voga na época, a par do jornalismo que atingia a grande e pequena imprensa do país. Em simultâneo desempenhava tarefas em que a sua vocação literária se podia espraiar entre as quais o seu labor na Sociedade Martins Sarmento, tornando-se colaborador activo na *Revista*[34].

Alfredo Pimenta, afastado da sua cidade natal pelos imperativos da sua vida, não a esqueceria e, sobretudo a partir desta época, começa a notar-se uma intensificação da correspondência de muitos vimaranenses assim como a reaproximação de Alfredo Pimenta a Guimarães e a vontade de vir até ela. Por um lado, nota-se o seu desejo de colaborar com a *Revista de Guimarães:* segundo a carta de Eduardo de Almeida de 21/10/1922, Alfredo Pimenta ter-se-á oferecido para fazer uma conferência na Sociedade, tal como sugerira a publicação das cartas de João de Meira[35] no número da *Revista* que iria homenagear o douto vimaranense; mais tarde, é ele que recebe o incitamento de Eduardo de Almeida: «*artigo para a Revista? - excelente. Manda*». [36]

Verifica-se também que deseja voltar a residir temporariamente em Guimarães, pois uma herança recebida de um Tio seu, permitia-lhe voltar à terra em que vira a luz do dia e onde passara a infância e a adolescência até ir para Coimbra e depois para outros horizontes onde faz a sua vida respondendo ao apelo da sua vocação: com pendor para o estudo e para a expressão através das belas letras, Alfredo Pimenta manifesta interesse pela 'res publica', tornando-se num activista entusiasmado em tudo que fosse política. Aliás, afirma um dia que «*não é vergonha nenhuma um intelectual interessar-se pela política; vergonha será depois queixar-se*». [37]

Nalgumas cartas de Eduardo de Almeida, já no ano de 1923, percebe-se o propósito de Alfredo Pimenta vir a Guimarães para o que necessitando de alojamento, o próprio Eduardo de Almeida lhe oferece a sua casa, sublinhando que o convite é só para ele, porque para toda a família não tem capacidade[38] e informa que o

[34] *Revista de Guimarães*, órgão da Sociedade Martins Sarmento, publica-se desde 1884, foi primeiro editada no Porto e depois em Guimarães. Esteve suspensa entre 1913 e 1920

[35] João Monteiro de Meira, n- 1881, m.1913, vimaranense, médico, escritor, professor de Medicina Legal, encarregue pela Sociedade Martins Sarmento de prosseguir a obra do Abade de Tagilde, *Vimaranis Monumenta Histórica*, não o tendo conseguido por falta de saúde. A.P. evoca-o sentidamente na ocasião da sua morte.

[36] Eduardo de ALMEIDA carta a A.P., 27/4/1924

[37] Alfredo PIMENTA, No Centenário do Abade Corrêa da Serra, "Cultura Estrangeira, Cultura Portuguesa", *Diário de Notícias*, 4 de Abril de 1950

[38] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 24/8/1924

D. José Ferrão [39] lhe oferecia hospitalidade.[40] Nos finais desta década, Alfredo Pimenta depois de vários trâmites burocráticos arranjaria então para si aquela que depois ficou a ser conhecida como a "Casa da Madre de Deus" em Azurém, frente à capela da Nossa Senhora da Madre de Deus de fora. Aqui passou a residir quatro meses por ano, de Julho a Outubro, ao abrigo das funções de director do Arquivo Municipal, cargo que desempenhava em comissão de serviço como conservador e director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Com a herança de três quintas no concelho de Guimarães, divididas entre as freguesias de São Pedro de Azurém e Atães, cultivadas de milho e vinha, arrendadas conforme os costumes do Minho, Alfredo Pimenta reata com a sua presença em Guimarães. No final da sua vida, evocando o passado, escreve: «*Quando tomei posse, há cerca de trinta anos, da Madre de Deus (...)ressuscitou em mim o velho amor pela terra em que nascera, e de que fazia parte a casa em que, pela primeira vez, abri os olhos à vida. A ausência de trinta anos não matara aquele amor, mas adormecera-o. E adormecido ficaria se a ausência não fosse interrompida. Os campos, os montes, os vales, os rios, os regatos, as árvores, as fontes, as gentes, as eiras, tudo cantou em mim aleluia, (...) porque de novo me senti minhoto e guimarense*».[41]

Em 1921 Eduardo de Almeida assume pela 1ª vez a presidência da Sociedade Martins Sarmento tornando-se editor e colaborador activissimo da Revista que conseguira relançar.

Ler era para si algo de muito importante: »(...) *tu bem sabes o que é ler, para nós,*» escreve em 27 de Maio de 1924: «*e como nós nos habituamos a ler*».Pede para Alfredo Pimenta lhe enviar livros para os trabalhos que quer publicar na revista da Sociedade e para os romances que quer escrever. É-lhe indiferente que sejam em francês, espanhol ou italiano. Confia no critério de Alfredo Pimenta. Mas precisa de «*um pouco de literatura, arte, religião, psicologia. O grande mal é não haver dinheiro para comprar o que apetece. Mas um poucochinho que liga a província ao mundo*». Escrever é para ele, uma necessidade vital, aliás como para Alfredo Pimenta. Enquanto um explica a urgência que tinha em arranjar um editor para um livro que terminara «*não pelo dinheiro, esse triste dinheiro dos escritores portugueses, nem pela imortalidade de uma noticiasinha por favor nos jornais(...) Mas por mim mesmo, para eu continuar a escrever(...)*»[42], o outro, neste caso o destinatário das cartas, confessou um dia: «*Não escrevo por vaidade, por narcisismo, por amor da glória, por desejo de aplausos. Escrevo, por uma necessidade estrutural do meu temperamento para que no silêncio vasto que me rodeia, e na solidão moral em que vivo, eu possa, de vez em quando, ouvir-me e encontrar-me e suppor-me um pouco menos só*» e ainda: «*Como artista escrevo primeiro para mim; depois para mim;* e

[39] D. José Ferrão de Castelo Branco, n.1882,m.1964,vimaranense, formado em Direito (Coimbra), proprietário, Director da *Revista Gil Vicente*

[40] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. 2/10/1923

[41] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, ed. Organização Bloco Limitada, Braga, 1950, pg.V (1ª ed.) e Opera Omnia, Braga, 1907, (2ª ed.), pg.7

[42] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 6/9/1927

sempre para mim. É pensando em mim que escrevo.»[43] antecipando-se os dois, assim, ao poeta português da segunda metade do século XX, António Ramos Rosa, què canta a poesia como "*a respiração do desejo*"...

A Amizade entre os dois foi contínua. Em 1929, Alfredo Pimenta evoca-a num artigo titulado «Eduardo de Almeida»: «(…) *Nem os vendavais a arrancaram, nem as inclemências do fogo a exauriram. O Eduardo de Almeida (...) e eu, somos um para o outro, hoje como há trinta e tal anos, em Coimbra, quando ele, na sua casa da rua da Trindade, armava em César de Bazan, e eu, em meu alcaçar de Celas, rendia culto a Baudelaire e meditava Hegel(...)*»[44].

Esta correspondência alcança aquele tempo (1922-1933) em que os dois amigos se encontram já na fase definida das suas vidas, nesse "*meio caminho*", em que as linhas de conduta sonhadas se vêm mais ou menos concretizadas ao sabor do confronto com as realidades, em que se alcança a estruturação da resposta à vocação que torna as vidas felizes ou infelizes. Talvez, dentro daquele conceito de felicidade orteguiano resultante do diálogo que cada vida individual estabelece com a sua circunstância naquela célebre definição do "*eu sou eu e a minha circunstância, se a não salvo, não me salvo a mim*", talvez, diria, que Alfredo Pimenta tenha logrado maior felicidade que Eduardo de Almeida, no sentido de, sendo mais fiel à sua vocação, ter talhado com a obstinação que era para si o viver, a sua circunstância para nela poder evoluir e permanecer fiel a si mesmo, já que um dia soube dizer que o seu objectivo na vida era torná-la útil, gastando-a com trabalho intelectual ao serviço da cultura do seu país. E, se percorrermos a sua vida, encontramos, com efeito, a par das maiores aflições monetárias, a constante fidelidade ao labor intelectual, que implica como sabemos a honestidade como valor absoluto para consigo próprio. Ter razão, terá sido o critério da vida em Alfredo Pimenta. Não a satisfação das suas *razões*, mas a razão das coisas, ou seja a inteligência delas, o que é algo inesgotável, como se sabe e implica o estudo constante, a perseguição sem tréguas. Esta terá sido a característica da vida de Alfredo Pimenta e, para nós, a chave para o compreendermos. Ortega y Gasset, no modo sugestivo com que filosofa, diz que nós, os humanos, somos como que uns náufragos de cujo esbracejar para não sossobrar, surge a cultura[45]. Penso, conhecendo o processo vital de Alfredo Pimenta, que ele assumiu integralmente a sua condição de náufrago e que ao seu jeito, assumindo a solidão do seu naufrágio, encontrou a tábua de salvação na procura da razão das coisas. Nunca enunciou nos seus escritos a palavra Verdade se não com o pronome "a minha verdade", dando a entender que a sua procura não acabava. Quando no último ano da sua vida contempla o seu retrato na versão do pintor Preto Pacheco e se encara, diz ser um "leão vencido", e nesta frase, está a síntese da sua vida e da sua mente: a procura da verdade que no absoluto não se alcança, mas que em cada patamar a que se chega, compromete e que dentro da cadeia da solidariedade que une o género

[43] Alfredo PIMENTA, *Pretextos e Reflexões,* (Primeira série 1920-1922), Editora Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1922, pg.17e pg.32

[44] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. citª, 1ª ed. pg.53, 2ª ed.pg.75

[45] Ortega y GASSET, *Goethe desde dentro*. Revista de Occidente, Madrid, 1933

humano deve ser responsavelmente explicitada sabendo-se que, nem no fim da luta, é alcançada. Daí, talvez, o ardor das suas polémicas, o rigor das suas investigações e a aceitação da deposição das armas, quando as forças se vão com a vida : «*eu sou um leão vencido*»... Por isso, a sua bibliografia é variada nos assuntos a que se dedica, como múltipla era a biblioteca que juntou, reflectindo as redes da sua procura, que correspondiam a uma necessidade vital como a evolução que fez dentro da filosofia, da política e da religião, sempre em combate, sem desistências ou descanso. Seria diferente o temperamento de Eduardo de Almeida e diferentes a sua história pessoal e as suas ânsias vocacionais. Por isso, talvez, tivesse ido mais na corrente das vicissitudes que oprimem e abafam: em 2/X/1923, lê-se uma lancinante carta em que talvez se possa ver reflectido este dilema que a fidelidade à vocação coloca: «*Vivi - e ainda não estou refeito - uns dias de tragédia neurasthenica. É o cansaço físico e moral de quem trabalha mais do que é permitido às debilissimas forças humanas. Esta minha duplicidade de financeiro - eternamente sem um chavo e mesmo porque cada vez mais a riqueza me engulha mais e asca à consciência e de incorrigivel devaneador, arruina-me. A albumina apoderou-se de mim, tenho dias inteiros e seguidos de envenenado e em qualquer hora incerta, agora ou logo, uma sincope mais demorada, um pequeno tic do coração e pronto." Ah! era um bom rapaz!...": que é a despedida, um manguito à morte, dos que ainda ficaram.*

«Pois num desses longos estios de calcinação dolorosa e febril vieram ter comigo as tuas carinhosas palavras. Fizeram-me bem. Cantaram luz na minha alma em treva. Reviveram o sempre confortavel lenitivo da saudade - e que saudade, Alfredo! Amores (?) param as ondas desse vasto oceano dos nossos sonhos. E, como em doce oração, foram balsamo, piedade, bondade, meigura...

«Ouvi - talvez sussuro do infinito por onde voltaram as nossas fantasias - bater o nosso coração adormecido de rapazes, aquele pulsar que, mesmo em estos de revolta, era poesia, candura, enternecimento.

«De todas as palavras vindas ou por vir a saudar o meu trabalho, destaco as tuas em mais alto prêço. E por tudo. Eu conheço-me, Alfredo. A vida foi-me sinistramente aziaga. Torturou-me, deu-me a provar o fel das peores amarguras. Romancista?, para quem, como, se eu gastei a vida a viver um romance pungente, fulminante. Literato? como, se a dor, a dor verdadeira, crua , me desvairou à loucura e me deixou no canto da estrada como vagabundo e esfarrapado caminheiro? Não, eu sou a sombra de um nome.

«Como agradecer-te Alfredo? Nem tu sabes o bem que me fizeste. Obrigado, obrigado.(...)». E fazendo verter para o campo da nostalgia ou do paraíso perdido as ânsias da sua vida pessoal: «*Sinto-me a envelhecer*», escreve, quando chega aos 40 anos.*«(...) é trágico. Agora que eu talvez começasse a começar!...Falo em arte, em livros. Tenho alguns cá dentro, no coração do cerebro. Mas escreve-los...»*[46] Passados anos, é ainda o mesmo desabafo angustiado que se faz ouvir: *«É o cansaço da vida, exaustiva e desiludida, que terá apenas como epitáfio de que "um homem que se enganou no caminho", um pouco falho como advogado – por ter veleidades de arte mais falhou como artista -, por ter de advogar,*

[46] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P .,26 /2/sem ano, mas o envelope tem o carimbo de 1924

secou-me os olhos. Mas lembrei-me do que fomos, das horas em que sonhamos puramente – numa vida pura.

"Não. Tu não erraste o caminho. De ti ficam páginas literárias, que desafiam os séculos, e viverão frescas e belas, pelos tempos além, de ti fica a soma enorme dos teus procedimentos e a profusão de ideias que prodigamente lançaste. (…)».[47]

As preocupações literárias, a participação em diversas realizações culturais tanto na cidade de Guimarães como fora dela são assunto que levam Eduardo de Almeida e Alfredo Pimenta a trocarem impressões nesta forma de escrita epistolar.

Um dos temas glosados diz respeito à vida interna da Sociedade Martins Sarmento.

Ao assumir a presidência da Sociedade Martins Sarmento pela primeira vez em 1921, Eduardo de Almeida acorre ao Amigo, dando-lhe explicações sobre a categoria de sócio de Alfredo Pimenta dentro daquela instituição. Desfazendo um quiproquo, em carta de 20/2/1922, afirma a sua qualidade de sócio correspondente, facto que seria publicado, acrescenta, no número da *Revista de Guimarães* a sair em breve. Depois, anunciava, passaria a sócio honorário que era, aliás, a categoria que lhe correspondia na opinião de todos os sócios não só pela amizade que lhe tinham como também pelo lugar que ocupava na sociedade portuguesa já que não bastasse a honra que a cidade de Guimarães tinha em o contar entre os seus. Estas justificações dever-se-iam certamente, ao temperamento de Alfredo Pimenta que não gostava de deixar os seus créditos por mãos alheias e também certamente ao cuidado e carinho com que olhava a Sociedade Martins Sarmento. Primeiro via nela um foco dinamizador ímpar da cultura da cidade; depois olharia para ela também com a gratidão enternecida de quem nas brumas da memória da sua meninice distante e, quem sabe, desacompanhada, se vira surpreendentemente reconhecido com o prémio que o distinguia nos seus êxitos de estudante da instrução primária. Votava-lhe pois grande consideração não só pelas suas funções como pelo cariz que enformara a sua fundação. Mas as suas relações com ela foram difíceis.

Num artigo escrito para a "*Voz*" (Tribuna Livre - Páginas Minhotas) e mais tarde incluído no seu livro *Páginas Minhotas*[48] conta-nos a história da instituição dedicada a Martins Sarmento, destacando a iniciativa que presidira à sua fundação e que derivara daquilo que há de mais saudável numa sociedade: o sentimento de admiração pelas figuras exemplares que nela surgem, admiração que não se fica pelo encómio mas que vê na figura exemplar um estímulo para a prossecução do progresso e da qualificação humanos. Nestas páginas pode ver-se a admiração

[47] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 27 /7/1944

[48] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. citª, 1ª ed,.pag.21-32, 2º ed-pgs.37-51

que o autor nutre por esse grupo de vimaranenses eruditos que em momentos difíceis da história pátria (finais do século XIX) têm tempo para "admirar" e, sugestionados pelo alto timbre da personalidade humana e científica de Martins Sarmento,[49] se propõem formar uma "*sociedade patriótica...literária nos benefícios que dela pudessem advir pela instrução à futura geração vimaranense*". Vibrando com os assuntos da sua cidade não poderia deixar de ser sensível aos problemas que afectavam aquela Sociedade, assim como não deixou de lhe prestar os serviços a que era chamado, quando solicitado ou quando achava necessário. Assim é que o artigo acima referido é escrito para chamar a atenção de quem de direito para os inúmeros problemas que afectavam a referida Sociedade naquela época e que se deviam a faltas de verbas. «*Não sei se estas minhas palavras encontrarão eco em alguém do Governo. Se elas inspirarem um acto de justo amparo e de enérgico estímulo para a Sociedade de Martins Sarmento, consideraria, na minha vida, feliz o dia em que escrevi este artigo*». Perscrutando o horizonte em que se projectava a actividade da Sociedade, encontra a famosa Livraria que à data da sua fundação contava com o impressionante número de 10.000 volumes para um ano depois atingir os 20.000 e na altura em que escreve, os 40.000. Mas este precioso acervo, que incluía também o espólio da Colegiada, que não fora para Lisboa no século XIX aquando da famosa lei centralizadora dos arquivos, encontrava-se apenas inventariado e, não catalogado em termos da crescente ciência das bibliotecas, o que tornava urgente acontecer. Alfredo Pimenta justificava o estado da questão não por falta de competência dos directores sucessivos da Sociedade, mas pela proverbial falta de dotação das nossas instituições de cultura. Aliás, viu satisfeita em parte esta sua observação com a nomeação de Rodrigo Pimenta para bibliotecário que nela deixou o trabalho frutuoso de dezanove anos de serviço. A actividade de investigação e conservação arqueológica e etnográfica, outra das vocações da Sociedade, representadas não apenas no Museu mas nas próprias citânias de Sabroso e de Briteiros exumadas por Martins Sarmento à custa da sua fortuna pessoal, enfrentavam, por seu lado, grandes dificuldades: encontravam-se à beira da ruína. Também a publicação de fontes, estava suspensa e, no caso concreto dos *Vimaranis Monumenta Historica*, «*repositório indispensavel de documentos elucidativos dos primeiros tempos da história pátria*», havia mais de quatro ou cinco anos que por uma questão de quatro páginas,- as últimas do índice remissivo do 2º fascículo,- a edição não prosseguia. Ora, havia em Guimarães, matéria para muitos volumes desta publicação começada pelo Abade de Tagilde.[50] Não a continuar, era irreparável.[51] Este assunto é também comentado por Eduardo de Almeida, quando se refere à nova "*paragem*" da edição dos *Vimaranis*[52] por falta de verba atribuída pela Câmara propondo-se para prosseguir esse trabalho com o único ónus do pagamento das despesas e lamentando o que estava sucedendo, classifica-o de vergonha

[49] Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento, n.1833, m-1899, vimaranense, arqueólogo afamado, autor de uma vasta obra no campo da Pré-História, autor de numerosos estudos, exumou à custa do seu bolso várias Citânias nos arredores de Guimarães

[50] Pe. João Gomes de Oliveira Guimarães, n. 1853, m.1912, Abade de Tagilde, vimaranense, historiador, erudito

[51] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. citª 1ª ed. e 2ª ed. respectivamente pags. 21 e 37

[52] *Vimaranis Monumenta Historica. A Saeculo Nono Post Christum Usque Ad Vicesimum, Jussu Vimaranensis Senatus Edita (Partes I et II)*

e desastre.[53]Quando finalmente aparece a edição das duas primeiras partes da colecção feita pelo Abade de Tagilde, com os seus índices remissivos e as erratas apensas, Alfredo Pimenta dedica-lhes um estudo crítico [54]que permite tornar mais rigorosa e mais fecunda a sua leitura em que não se coíbe de alertar para umas referências incompletas do trabalho de Eduardo de Almeida nessa edição, que o próprio acha perfeitamente justas[55]. Mais tarde, ciente da intenção de Alfredo Pimenta procurar completar alguns aspectos da edição,[56] agradece e louva este propósito : *«É mais um dos teus serviços à Sociedade, relevantissimo, logo marcado pelo seu excepcional valor. Não me queres mandar - mas com urgência - dois linguados desse trabalho para a Revista? Sairiam neste número que está...a saír. Obrigado por mim, obrigado pela Sociedade(...)»*[57]. Em 28 de Março de 1930 aplaude a ideia de oferecerem a edição então pronta ao Dr. Joaquim de Carvalho.[58]

Entretanto a edição esgota-se e em 6 de Maio de 1931, a Sociedade Martins Sarmento oficia à Câmara [59]pedindo reforço do subsídio para a reedição, numa tiragem de 250 exemplares para o que já gastara 1.500$00 em papel *couché*, faltando-lhes os custos da impressão na ordem dos 1.600$00. Alfredo Pimenta atento, aplaude a Câmara por esta sua iniciativa e fazendo jus às suas qualidades de investigador crítico avisa-a de que a 1ª edição não tem apenas erros tipográficos, mas também inexactidões de carácter histórico. Severo, como era seu hábito, termina o seu ofício[60] dizendo que fazia este aviso *"sem prazer porque ele envolve uma áspera censura para quem sem competência para estas coisas se meteu nelas"*. A Câmara resolve enviar uma cópia à Sociedade Martins Sarmento.[61] Esta reage [62], pela pena do seu presidente, precisamente Eduardo de Almeida, estranhando a carta em questão e explica: *"A Sociedade Martins Sarmento foi encarregada da 2ª edição da 1ª parte do V.M.H. encargo pelo qual só tem a penhorar a V. Exª o agradecimento de todos e são muitos, os interessados, e de que está procurando desempenhar-se limpamente, fazendo uma 2ª edição correcta dos "defeitos tipográficos" de que a 1ª enferma, servindo-se por isso*

[53] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 27/5/1924

[54] Alfredo PIMENTA, *Estudos Filosóficos e Críticos*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930, pgs.417-472

[55] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. s/data

[56] Alfredo PIMENTA, *Vimaranis Monumenta Historica, Partis I Editio Secunda Accurate Emendata*, Vimarane,- Ex tyipis Ludivici da Silva Dantas, MDCCCXXXI

[57] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P., 19/2/1930

[58] Doutor Joaquim de Carvalho, n.1892, m.1958, professor na Faculdade de Letras (Coimbra), fundador da *Revista da Universidade de Coimbra*, administrador da Imprensa da Universidade, autor de vasta obra filosófica. A correspondência que lhe dirigiu Alfredo Pimenta está publicada na *Revista de História das Ideias*, Faculdade de Letras, Coimbra, 1987, vol.9

[59] Livro das Actas Diário das Sessões Municipais, ofº 6 de Maio de 1931, AMAP

[60] Ibd. Oficio de 26 de Agosto de 1931

[61] Ibd. Ofº de 2 de Setembro de 1931

[62] Ibd-. Ofº de 9 de Setembro de 1931

das próprias emendas pacientemente lançadas pelo Abade de Tagilde, pelo Doutor João de Meira e por João Lopes de Faria". E justificando-se, acrescenta que não tendo sido incumbida de mais alguma coisa, nada de diferente teria de fazer, sendo no entanto grande o seu reconhecimento pelo "*proveitoso esforço*" do Abade de Tagilde que é constantemente evocado pela Sociedade como *"exemplo pela lição de austero trabalho, amor à terra, investigação histórica e florescente bondade"*. Entrega o assunto apontado por Alfredo Pimenta nas mãos da Câmara, esclarecendo que a Direcção da Sociedade responde pessoal e solidariamente pelos seus actos. Mas informa que sendo esta conhecedora das anotações, emendas e acrescentos publicados por Alfredo Pimenta muito antes da sua denúncia exprobatória, tinham assentado na Sociedade pedir-lhe e procurar conseguir dele próprio um aditamento com os documentos e anotações que o seu critério e saber aconselhassem. Ao receber este ofício, a Câmara resolve comunicá-lo em síntese, a Alfredo Pimenta. Apressa-se este a responder afirmando que ignorava a interferência da Sociedade neste assunto e que , quando se lhe dirigira, a sua única intenção fora a de evitar que ela, Câmara, ficasse com a responsabilidade de uma obra com defeitos remediáveis o que estende então à própria Sociedade.[63] Uma semana depois, o Presidente da Sociedade oficia à Câmara explicando que nunca fora, nem podia ser, intenção sua chamar ou considerar má acção a carta que Alfredo Pimenta endereçara à Edilidade acerca daquela reedição, ao mesmo tempo que reafirma a subida consideração por aquele ilustre vimaranense e a intenção de se lhe dirigirem pedindo-lhe o favor (sic) da sua colaboração directa no volume e reedição do *Vimaranis Monumenta Historica* [64].

É neste contexto que, no espólio epistolar de Alfredo Pimenta encontramos a carta de Alberto Vieira Braga, membro da direcção da Sociedade Martins Sarmento, de 7 de Novembro de 1931 dizendo que a edição dos *Vimaranis* era assunto de tão grande importância que ia levar as considerações expostas por Alfredo Pimenta à apreciação da direcção para que esta, colectivamente se pronunciasse e elaborasse um ofício a quem «*tão empensada e lealmente tem trabalhado sempre pelo bom nome desta casa*». Diz ainda que vai empregar todos os esforços para que em breve se resolva este «*magno assunto*». E logo em 4 /XII/31, Eduardo de Almeida mostrando saber destrinçar entre o acessório e o essencial, torna a insistir no contributo de Alfredo Pimenta: «:(...) *Não te irrites...Sou eu! Ralha-me um bocadão, mas primeiro deixa dar-nos o abraço fraterno... Quanto ao Vimaranis: eu renovo o pedido que te fiz, mais a direcção, de escreveres um capítulo final com todas as emendas, anotações. acrescentamentos que desejares, escusando recomendar-te o empenho que temos que o faças. Isto não podia ser doutro modo, a meu ver. Nós quizemos respeitar a memória e o trabalho do Abade. Mal parecia numa nova edição, dar-lhe outro aspecto. Mas o que queremos, também ,é aproveitar o teu valiosissimo trabalho, acrescentando-o àquele. Não vejo dificuldades algumas em fazer assim. É mesmo corrente. Aguardamos muito ansiosamente as tuas intenções e a remessa do teu trabalho, para conclusão da obra.(...)*».E em carta de 2 de Fevereiro de 1932 ,Alberto Vieira Braga informa que na tipografia estava

[63] Ofº de A.P. de 9/9/1931, ibd

[64] Ofº de Edº de Almeida de 23/9/1931, ibd

para breve, a composição do *Apêndice* que Alfredo Pimenta organizara. Na realidade ele surge com a data de 1931, lamentando o seu autor que ao "*benemérito editor*" não tenha sido possível incluír no texto os documentos acrescentados no seu devido lugar porque em *«(...)Apendice coloca-se o que é secundário, ou o que já não vem a tempo de se incluír no texto. Mas eu não sou editor. E sollicitado a cooperar nas condiçoens descriptas na 2ª edição do 1º fascículo dos Vimaranis Monumenta Historica, não podia escusar-me, qualquer que fosse o pretexto – pelo grande amor que tenho à Sociedade Martins Sarmento e pela inabalvel admiração que consagro ao Abade de Tagilde(...)».*[65] Justifica este trabalho lembrando, numa espécie de resposta ao oficio de Eduardo de Almeida à Câmara, que colectâneas como o *Vimaranis* nunca são obra definitiva por maior que seja o cuidado e a perspicácia dos seus autores e acrescenta:«(...) *Reconhecer que à primeira edição dos Vimaranis Monumenta Historica escasseavam documentos, não é, como vulgo inepto pode julgar, fazer pouco do nome, para nós quasi sagrado, do Abade de Tagilde, seu organizador: é constatar uma realidade que não tem nada de ofensiva para aquelle douto investigador, e notavel exhumador dos documentos medievais vimaranenses.*

«A sua obra em nada é diminuida com os acrescentos que a critica impessoal e fria lhe traz atravez das minhas mãos, agora, de outras que depois de mim appareçam com elementos que eu não soube ou não pude colher.

«Esgotada a primeira edição do 1º fascículo a Sociedade Martins Sarmento decidio fazer a 2ª edição. E sabendo que nos meos Estudos Philosóphicos e Críticos eu apontava documentos que deviam figurar nos Vimaranis Monumenta Historica encarregou-me de lhos facultar, compondo este Appendice.[66]

Verifica-se assim, a intenção de Eduardo de Almeida, que será constante, em evitar conflitos desnecessários com Alfredo Pimenta com a certeza de que ele o ouviria. O mesmo não acontecerá com outras personalidades vimaranenses que, ao partilharem tarefas convergentes com as de Alfredo Pimenta em assuntos de interesse cultural para Guimarães, não abriram mão das suas susceptibilidades e levaram por diante atitudes de irritação e intolerância para com o difícil feitio de Pimenta que se mostrava contundente quando considerava a razão de seu lado.

A posterior continuação da publicação dos *Vimaranis* em 1936, será uma das questões entre Alfredo Pimenta e a Sociedade numa altura em que Eduardo de Almeida já não ocupa a presidência da Sociedade Martins Sarmento. Na carta de 19 de Fevereiro de 1930 acima citada, anunciara este a sua intenção de não aceitar o lugar aludindo a questões de saúde que lhe tiravam a paciência para enfrentar os problemas do quotidiano, confessando estar fartíssimo de desempenhar aquela função em que, esforçada e solidariamente se mantinha por não querer sair

[65] Alfredo PIMENTA, Vimaranis Monumenta Histórica, op. citª.

[66] Alfredo PIMENTA, Vimaranis Monumenta Histórica, op. citª.

sem acautelar o lugar do irmão de Alfredo Pimenta, Rodrigo Pimenta. No entanto confessa não querer dizer as razões daquele estado de espírito; guarda-as para outra ocasião. A questão que a publicação dos *Vimaranis* levanta a Alfredo Pimenta processa-se por volta de 1936, durante as presidências respectivas do Capitão Mário Cardoso[67] na Sociedade Martins Sarmento e do Dr. José Francisco dos Santos,[68] reitor do Liceu Martins Sarmento, na Câmara Municipal. Está também documentada e comentada nas cartas de Alfredo Guimarães[69], director do Museu Alberto Sampaio para Alfredo Pimenta, já publicadas.[70]

Com as comemorações do primeiro centenário do nascimento de Martins Sarmento e a criação do Arquivo Municipal, mal cessa a presidência de Eduardo de Almeida na Sociedade, instalam-se os diferendos entre Alfredo Pimenta e Mário Cardoso que aqui são referidos, pois em parte acompanham os dois últimos anos das cartas que ora publicamos e talvez sejam uma hipótese de explicação para o facto de, a partir de 1933, rarearem as cartas de Eduardo de Almeida no espólio de Alfredo Pimenta.

Alfredo Pimenta venerava a figura de Martins Sarmento como atestam inúmeras das suas páginas. A sua admiração vinha de longe, da sua infância. Nas "*Páginas Minhotas*" evoca na ocasião da sua morte, ocorrida em 1899: «*eu era ainda um garoto de 16 anos, tropeçando ainda desastradamente no caminho do Pensamento, vítima duma compreensão mesquinha do meu feitio, atirando-me de chofre sobre todas as coisas, imperito, gôche mas febrilmente sequioso de andar, e viver os problemas mais transcendentes e agros. Nunca esqueci, nem poderei esquecer a vez, a única vez que vi Sarmento, que a lenda começava já a envolver em sua teia de maravilhas e que a minha admiração instintiva, ingénua, seguia de longe.*

«Era uma tarde de fins de Inverno com um sol claro a encher de luminosidades misteriosas as coisas. Na estrada de Fafe, Sarmento , as mãos nos bolsos, um cache-nez ao pescoço, seguia de vagar...O garoto de quinze anos que eu então devia ser... cruzou o sábio, olhando-o com admiração, e ficou a seguir a imagem que o acaso lhe oferecera nessa tarde. Foi a primeira e única vez que vi Sarmento. Mas não era preciso mais para nós, os rapazes do meu tempo, para quem Sarmento

[67] Mário de Vasconcelos Cardozo ,n.1889,m.1982, vimaranense, coronel do Exército, arqueólogo, autor de vários estudos da especialidade, Presidente da Sociedade Martins Sarmento

[68] Dr. José Francisco dos Santos, reitor do Liceu Martins Sarmento (Guimarães), presidente da Comissão Administrativa de Guimarães

[69] Alfredo Guimarães,n.1882,m1958,vimaranense, escritor e crítico de Arte, director do Museu de Alberto Sampaio, conservador do castelo de Guimarães, vogal correspondente da Academia Nacional de Belas Artes, sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses,, colaborador de inúmeros jornais de Lisboa e Guimarães (na A VOZ, assinava C), autor de estudos sobre Arte, Arqueologia e de livros de Poesia, Teatro, etc.

[70] Maria Teresa PIMENTA, «Cartas Inéditas de Alfredo Guimarães a Alfredo Pimenta entre 1932/50», *Gil Vicente, Revista de Cultura e Actualidade*, nº 5, IV série, ed. Cidade Berço, Guimarães 2004/2005, pags.3 a 100

era o deus. É claro que a nossa idade mal soletrante não podia avaliar o alcance do trabalho científico de Sarmento. Mas de instinto nós sabiamos que aquele que vivia isolado de toda a agitação estéril do burgo, das suas intrigas de soalheiro e das suas ameaças políticas... era a glória imarcessivel da nossa terra. (...)»[71].

Quando chegou a altura de preparar essa comemoração, Eduardo de Almeida ao tempo presidente da Sociedade convidou, Alfredo Pimenta por intermédio de Alberto Vieira Braga, para nela participar. A celebração dessa data preocupava a direcção da Sociedade, revelando muita cautela na sua preparação pelo facto de ser uma direcção quase cessante. Na carta de 2 de Fevereiro de 1932, Alberto Viera Braga conta a Alfredo Pimenta que não havia ainda planos concretos para o acontecimento, preferindo aquela direcção deixa-los à que tomasse posse em Março desse ano. Confidencia os nomes pensados para a presidência de honra: o coronel Amaral [72] e o capitão Mário Cardoso. E em carta de 11 de Abril de 1932, Alberto Vieira Braga, então já membro da nova direcção anuncia a intenção de, na primeira reunião, proceder à leitura do *valioso documento* (sic) em que Alfredo Pimenta expunha um plano para aquelas comemorações. Com efeito, Alfredo Pimenta anuíra gostosamente ao convite de Eduardo de Almeida e, como depois relata num artigo do jornal *A Voz* (18 de Agosto de 1932) propôs que, a exemplo do que já se fazia no estrangeiro, se organizasse um volume de consagração ao sábio, constituído por trabalhos eruditos, nacionais e estrangeiros. Eduardo de Almeida concordando de imediato, encarrega-o da concretização dessa ideia referindo que a sua tinha sido a *«publicação dos dispersos, dos inéditos, depois de cuidadosa seleccionação e, sendo possivel a re-edição das obras esgotadas, com um resumo da obra, em separata para mandar para o estrangeiro, e por isso feito em linguas(...)»* . Porém, frente à sugestão de Alfredo Pimenta escreve: *«tu vieste com mais uma ideia, excelente, e que fica adoptada. Sairá um número muito especial da Revista com esse In Memoriam. Mas para o levar a cabo, uma condição se impõe: a de que ela fique exclusivamente a teu cargo. Assim é preciso, Alfredo. E se a isso te dignas, eu fecho já o contracto na primeira sessão da Sociedade(...)».*[73] Gostosamente, segundo o mesmo em artigo acima citado, Alfredo Pimenta pôs mãos à obra. Esboçou o projecto, informou-se acerca dos recursos para o realizar e enquanto estava nisto, mudara a direcção da Sociedade. Mas apesar de aguardar resposta, não parara de trabalhar no seu projecto. A nova Direcção, escreve, nomeia-o para a Comissão organizadora da sua ideia - o *In Memoriam* -. Apresentado o seu plano aos colegas na Comissão, merece a aprovação e os passos que entretanto dera, iam dando resultados: em seu poder tinha já um trabalho do ilustre director da Torre do Tombo, dr. António Baião. Mas o clima na Sociedade alterara-se. Substituindo Eduardo de Almeida surgira Mário Cardoso, o arqueólogo. A incompatibilidade entre ele e Alfredo Pimenta determinou que este último se dissociasse das comemorações

[71] Alfredo PIMENTA, *Páginas Minhotas*, op. citª, 1ª e 2ª ed. respectivamente pg.44 e 65

[72] Duarte Amaral Pinto de Freitas, n.1871,m.1964,coronel do Exército, Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Presidente da Comissão Administrativa de Guimarães (15/6 a 9/10/1931).

[73] Eduardo de ALMEIDA, carta a A.P. de 28 /3/1930.

patrocinadas pela Sociedade Martins Sarmento e prestasse a sua homenagem individualmente. E quando vem à estampa *"Homenagem a Martins Sarmento (Miscelanea de estudos)"*, editada pela Sociedade Martins Sarmento, Alfredo Pimenta não figura entre os autores que a compõem.[74] Porém no roda-pé do *Diário de Notícias*, de Lisboa, de 2/6/34, na secção "Cultura Estrangeira, Cultura Portuguesa" onde A P. se propunha levar ao conhecimento dos leitores a bibliografia erudita que se ia publicando, fazendo dela uma informação crítica e que manteve durante cerca de vinte anos - escreve : a *«homenagem a Martins Sarmento é um pouco obra minha. Quando se falou, há anos em celebrar o centenário do nascimento do eminente etnólogo, fui abordado para colaborar nessa celebração. Lembrei imediatamente que o numero da Revista de Guimarães que lhe fosse dedicado devia ser constituido por estudos eruditos à semelhança do que se faz lá fora e ainda, ao tempo, não fora feito entre nós.(...)».* «(...)*Lá fora, na Alemanha, na França, na Itália e na Espanha, quando se quer prestar homenagem a um homem de ciência – homenagem duradoura e digna do consagrado, publica-se um volume de estudos eruditos ou cientificos, e dedica-se à pessoa que se quer honrar. A respeito desta, pouco ou nada se diz em tal volume, porque se supõe, e com justa razão, que por ela fala a obra que realizou e a fama que cimentou. É banida, pois a retórica, e afastado o espectáculo desagradavel de um cortejo de criaturas que se repetem a afirmar talentos e virtudes, e manhas do heroi da homenagem(...)»* .«(...) *Entrei na comissão para tal fim nomeada; fixei o plano de trabalho; dei uma lista de nomes portugueses, castelhanos, franceses, ingleses, americanos; indiquei a maneira de abordar alguns deles; cheguei a convidar directamente um nome português; estava nisto, quando um incidente mesquinho que não é, agora para aqui chamado, me obrigou a pôr o chapéu na cabeça e a abandonar a comissão.*

*«Mas graças a Deus a directriz estava estabelecida, o impulso dado, e tudo o que se fez, com as variantes proprias da modificação sofrida não se afastou do critério que fixei(...)».*Na sequência disto, surgem vários trabalhos que publicou sobre Martins Sarmento: *«Cartas Inéditas de Francisco Martins Sarmento a Joaquim Possidónio da Silva»*[75], *«Martins Sarmento, Esboço Crítico»*[76] e uma conferência em Lisboa, *«Martins Sarmento, Literato e Historiador»*[77].

A colaboração literária de Alfredo Pimenta na revista da Sociedade Martins Sarmento não foi muito fecunda: das propostas que faz para uma colaboração literária, encontram-se apenas, entre 1921 e 1931 dois pequenos artigos: um, no número 1 de 2 de Janeiro a Abril de 1921[78], intitulado *«Palavras sem Rumo»* e o outro, a apresentação de

[74] *Homenagem a Martins Sarmento (Miscelânea de Estudos)*, ed. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1933.

[75] Alfredo PIMENTA, Cartas Inéditas de Francisco Martins Sarmento a Joaquim Possidónio da Silva, *Boletim de Trabalhos Históricos*, Arquivo Municipal, Guimarães, 1933, nº 1

[76] Alfredo PIMENTA, *Estudos Filosóficos e Críticos*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930, (pags.417-477)

[77] Alfredo PIMENTA, *Martins Sarmento, Literato e Historiador*, Conferência realizada na Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 25 de Junho de 1933, ed. José Fernando Júnior, Lisboa, 1933

[78] *Revista de Guimarães*, op. citª, ,1921, vol.XXXI, pg46-48